

A IMPRENSA NEGRA NO INÍCIO DO SÉCULO XX EM SÃO PAULO: uma perspectiva historiográfica

Luciana Soares da Silva*
Jarbas Vargas do Nascimento**

RESUMO

Objetivamos, neste trabalho, abordar parte da Imprensa Negra no início do século XX em São Paulo, destacando sua importância no contexto pós-abolição e sua relevância como documento linguístico historiográfico na atualidade. Para tanto, selecionamos um exemplar do jornal *O Menelick* e o analisamos a partir dos princípios teóricos da Historiografia Linguística. De acordo com nossa análise, o jornal apresenta a escrita do início do século XX que, embora se aproxime das regras atuais, caracteriza-se por particularidades de uma língua portuguesa influenciada pelo contexto da época, sendo uma fonte de pesquisa linguística. Além disso, *O Menelick* encontra-se em um contexto histórico do Brasil, recém saído de fatos determinantes em sua história, entre eles, a abolição da escravatura e a inserção do negro na sociedade, estabelecendo-se como voz do povo negro em meio a uma sociedade marcada pelo racismo.

Palavras-chave: imprensa negra, historiografia linguística, O Menelick.

Este trabalho tem como objetivo abordar a Imprensa Negra no início do século XX em São Paulo, a partir dos fundamentos da Historiografia Linguística. Para isso, abordamos brevemente aspectos primordiais dessa disciplina no campo das ciências da linguagem; em seguida, os princípios de análise da Historiografia Linguística, os quais são aplicados na análise do documento selecionado, no decorrer deste artigo.

O documento analisado, neste trabalho, faz parte da coleção Imprensa Negra, publicada pela Imprensa Oficial, em uma parceria do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo e a Secretaria de Cultura. A edição é fac-similar, o que possibilitou o estudo do material em uma perspectiva historiográfica.

A Historiografia Linguística emerge junto a outras disciplinas, como a Análise do Discurso, na década de 1970. Se até esse momento os estudos linguísticos pautavam-se na ênfase do signo frente ao contexto, essas novas pesquisas começam a valorizar a relação do contexto e o signo. Tal perspectiva só é possível devido ao paradigma interdisciplinar relevado nessa década, o

* Doutoranda em Língua Portuguesa na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, professora da rede pública municipal de São Paulo e da Faculdade Zumbi dos Palmares. Desenvolve pesquisa na área da Análise do Discurso junto ao grupo de pesquisa Discursos na Mídia Escrita (DiME-PUC/SP).

** Doutor em Letras (Semiótica e Linguística Geral) pela Universidade de São Paulo – USP. Realizou pesquisa de pós-doutoramento na área de Letras, na Unesp-Campus Assis. É professor titular do Departamento de Português e do Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

que proporciona a aliança intrínseca entre História e Linguística, além de receber contribuições da Sociologia, da Filosofia, entre outras.

Importante ressaltar que a Historiografia Linguística nasce do desenvolvimento da Linguística Histórica, diferenciando-se desta última pelo tratamento particular que dedica à língua, objeto de estudo de ambas. A língua passa a ser entendida como prática social, sendo fruto de fatores sócio-histórico-culturais. Assim, essa disciplina pretende romper com a mera descrição dos fenômenos linguísticos para evidenciar que a língua é produto mutável da interação humana na sociedade.

Com essa visão, Koerner (1995, *apud* Nascimento, 2005) propõe a contextualização, a imanência e a adequação teórica como princípios de análise da Historiografia Linguística. A esses princípios, antecede-se o recurso da metalinguagem, a qual possibilita ao historiógrafo da língua fazer uma leitura a partir do contexto linguístico da época, evitando-se que ele transporte significados do presente para aquele momento do passado.

Conforme Nascimento (2005), o princípio de contextualização visa a levar o historiógrafo a inserir-se no contexto histórico-cultural, nas concepções linguísticas, socioeconômicas e políticas da época selecionada. Aqui, faz-se a inserção temporal do documento, bem como as condições em que foi elaborado.

Já o princípio de imanência prima pela restauração do passado, possibilitando o entendimento do documento, no que tange às teorias linguísticas, bem como às abordagens em História. Esse princípio somado ao princípio de contextualização torna-se base para o processo de interpretação que se consolida na prática da adequação teórica.

Por fim, o princípio de adequação teórica refere-se à comparação de códigos com descrições verbais e à reatualização do documento possibilitado ao historiógrafo.

O MENELICK: SUA IMPORTÂNCIA E SEU CONTEXTO

O documento eleito para este artigo, o jornal *O Menelick*, é considerado o início do que se denominou *Imprensa Negra* em São Paulo. De acordo com Moura (2002), ela caracteriza-se por uma circulação restrita e de penetração na comunidade negra, que visava a atender os anseios, reivindicações e protestos dos negros paulistas.

Embora nosso foco seja a manifestação paulista, vale lembrar que outros grupos negros também se organizaram pelos jornais como meio de resistência e de discussão acerca da



problemática que os envolviam, sobretudo, no período pós-abolição. Cardoso (1977), focalizando o contexto do estado do Rio Grande do Sul, apresenta o jornal *O exemplo*, publicado pela primeira vez em 1893, sendo considerado um dos primeiros jornais negros editados no Brasil.

Bastide (1983) afirma que, por meio do estudo da Imprensa Negra, é possível discernir a mentalidade de uma raça escravizada por quatro séculos na sociedade brasileira. De acordo com seu estudo, a Imprensa Negra caracteriza-se por raramente ser uma imprensa de informação, visto que os negros letrados liam os jornais dos brancos, procurando priorizar as questões raciais e sociais. Além disso, busca agrupar “os homens de cor”, conforme ela mesma se refere aos afro-brasileiros, almejando a elevação de sua autoestima e a escuta do protesto negro. Cabe destacar que cerca de 30 a 60% das notícias apresentadas tinham cunho social: aniversários, anúncios, falecimentos, etc.

Segundo o autor, a Imprensa Negra Paulista pode ser dividida em três períodos na primeira metade do século XX: de 1915 a 1930, no qual surgem os primeiros jornais voltados à comunidade negra, inclusive *O Menelick*; de 1930 a 1937, no qual há a formação, o desenvolvimento e o apogeu da Frente Negra Brasileira, dando destaque ao jornal *A voz da Raça* e, por fim, de 1937 a 1945, quando ocorre a supressão dos partidos políticos pelo Estado Novo de Getúlio Vargas.

O Menelick surge no início do século XX, em São Paulo, tendo sua primeira edição em 1915. O exemplar selecionado por nós é datado em 1º de janeiro de 1916. Fundado por Deocleciano Nascimento, poeta negro, o jornal caracteriza-se por ser um “orgom mensal, noticioso, literario e critico dedicado aos homens de cor”:



O Menelick tinha a periodicidade mensal, sendo distribuído aos assinantes ao custo de 1\$500, por seis meses. O redator-chefe era o seu próprio fundador, Deocleciano Nascimento, e o redator-secretário, Geralcino de Souza. A composição do jornal era feita por textos recebidos de poetas e escritores da comunidade negra:



Expediente

Assignatura. 1\$500 por 6 mezes
O pagamento é adiantado

Correspondencias. — As correspondencias d'«O Menelick» devem ser enviadas a Deocleciano Nascimento, Rua da Graça, 203.

Collaboração. — Aceita-se collaboração, mas não se responsabilisa pela idéa emittida pelo collaborador

Não se devolve os originaes, mesmo não publicados

O «Menelick» declara publicamente que toda e qualquer collaboração que cahir na sua caixa e elle descobrir que ella foi roubada de algum livro, revista ou cousa que o valha, nem que seja o rei que assigne, vae pr'o balaio e o nome do collaborador falso é criticado por quanto tempo for lembrado.

«O Menelick» julga nullo todo e qualquer documento que for passado em seu nome sem a sua respectiva firma

De acordo com Ferrara (1986), embora esteja em meio à Primeira Guerra Mundial (1914-1918), *O Menelick*, como outros jornais do início da Imprensa Negra, é, principalmente, de ordem sociorrecreativa, sendo significativo o número de notas referentes a aniversários, falecimentos, mexericos, etc., sendo dado nenhum destaque a esse momento histórico.

O exemplar selecionado para análise tem quatro páginas, sendo as duas primeiras páginas dedicadas a textos literários (poesias, contos e crônicas), além do editorial, e as duas últimas compostas pelas colunas: *Pelos Salões*, na qual se encontram notícias das agremiações a respeito da eleição da diretoria; *Noticiario*, na qual há a opinião sobre moças merecedoras de votos de beleza do jornal, cobrança de pagamento das assinaturas, notícia de enfermo, indicação de representantes do jornal e do que será tratado no próximo número; *Na Berlinda*, na qual há anedotas com pessoas da comunidade; *Vida Social*, na qual há referências aos aniversariantes, casamentos e nascimentos; por fim, *Necrologia*, na qual há notícia de falecimentos.



O nome do jornal, *Menelick*, é uma homenagem ao rei Menelick II, da Etiópia, que derrotou os italianos na Batalha de Adwa em 1896, considerada a primeira vitória militar de uma nação africana sobre o colonizador europeu.

O jornal insere-se no contexto pós-abolição da escravatura (1888), no qual o negro buscava um lugar na sociedade brasileira, já marcada fortemente pelo racismo. No que diz respeito ao período de 1890 a 1930, Andrews (1998) destaca, além da era pós-abolição da escravatura, o início da imigração em São Paulo. Os negros, nessa época, foram jogados à própria sorte, o que fez com que eles fossem submetidos a uma negociação com os ex-senhores em busca de trabalho. Esse fato foi alterado pelo início das imigrações desse período que se estendeu fortemente por quarenta anos posteriores à abolição, proporcionando sistematicamente a marginalização dos trabalhadores negros. Havia uma intenção nítida em substituir esses trabalhadores, havendo incentivos dados pela Sociedade Promotora da Imigração, órgão do Estado, que se oferecia para custear a viagem e viabilizar a contratação dos imigrantes.

Contudo, muitos negros almejavam uma ascensão na sociedade, procurando abandonar o trabalho braçal. Alguns deles tornaram-se pequenos e médios proprietários no setor agrário. Outros foram inseridos no setor urbano, devido o aumento da demanda por profissionais liberais e a requisição de funcionários nas indústrias, o que contribuiu com a formação de uma pequena classe média negra.

Conforme Andrews (1998), os censos de 1900 e 1920 não revelaram a luta do negro pela ascensão social. Somente o censo de 1940 apresenta um contraste dos profissionais brancos e negros (pardos e pretos) cinquenta anos após a abolição da escravatura. Para se ter uma ideia da dificuldade da inserção no mercado do trabalho e da marginalização do trabalhador negro no início do século XX, em 1940, no estado de São Paulo, de uma população negra de 862.255, somente 623 possuíam negócios não agrícolas, empregando um ou mais trabalhadores. (cf. Andrews, 1998, p. 198).

Evidenciavam-se, assim, as relações raciais no Brasil que, segundo Guimarães (2005) e Munanga (2006), partem de um conceito de *raça* construído social e politicamente e repercutem na vida daqueles que, de algum modo, são subjugados por outros que se colocam em uma posição superior. Para os autores, uma explicação biológica não dá conta das implicações que esse termo suscita.

Certamente, o racismo em relação aos negros, mesmo após a revogação de leis explicitamente racistas, consolidou-se estruturalmente na sociedade brasileira, dificultando a



inserção dessa população em setores mais elevados da sociedade. De acordo com Andrews (1998, p. 23), o Brasil apresenta uma desigualdade racial marcante que difere de outros países como a África do Sul, já que, pelo menos no século XX, não impera a segregação racial por força da lei. No entanto, há a forma mais cruel de racismo, a informal e dependente da vontade do indivíduo. Segundo o autor, quando a discriminação é prescrita na lei, ela é mais rígida e inflexível, o que faz com que a população reaja frente às injustiças explícitas de segregação, a fim de substituí-las por leis de igualdade racial:

A discriminação deixada ao capricho do indivíduo opera de uma maneira inconsciente e imprevisível, e nem sempre é identificável como tal. Isso pode conduzir a uma incerteza considerável sobre se existe inclusive discriminação, particularmente quando outros fatores oferecem explicações convincentes para a existência de desigualdade racial em uma dada sociedade (Andrews, 1998, p. 23).

Nesse contexto, a Imprensa Negra *re-significa* o conceito de raça para os negros em relação a si próprios, a fim de promover, por meio da marca étnica, a sua revalorização simbólica e o seu reencontro com a sua personalidade. O termo raça, desse modo, conforme Moura (1988), aparece em nível de exaltação, sendo colocado em oposição à sociedade discriminadora, que o colocava negativamente.

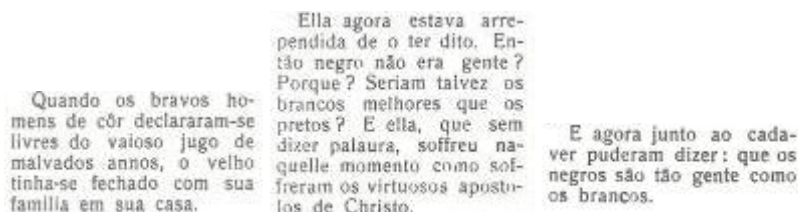
Por essa razão, chama a atenção o fato de *O Menelick*, como apresentado na linha fina, logo após nome do jornal, ser “dedicado aos homens de cor”. Embora não seja explicitado, nem discutido um conceito de raça, verifica-se que esse termo, de fato, no Brasil, aliou-se ao quesito cor, sendo admitido pelos próprios negros. Tal como afirma Guimarães (2005), o pressuposto de raça só faz sentido no âmbito ideológico, já que não corresponde a nenhuma realidade natural, sendo o racismo constituído pela discriminação a partir de algum pressuposto de raça. No Brasil, como pode ser visto, o conceito de raça incorporou-se ao fenótipo, sobretudo, à “cor” da pele.

O MENELICK: ASPECTOS LINGUÍSTICOS

Antes de focalizarmos os aspectos estritamente linguísticos, gostaríamos de ressaltar dois aspectos verificados na análise no tocante à construção e à organização dos textos no jornal: a temática abordada no texto literário apresentado nas duas primeiras páginas e a escrita formal dos textos.

No que diz respeito à temática, verificamos uma preocupação em retratar as situações e as questões vivenciadas pelo negro no período. O conto “Episódio da revolta da Ilha de São Domingos” narra a ação de um grupo de negros em uma casa de uma família branca, baseado na

Revolução Haitiana, a qual culminou no fim do regime escravocrata e na fundação do primeiro país negro formado por ex-escravos fora da África (cf. Nascimento, 2007). Há, assim, inúmeras vezes, referência ao conflito racial:



Quando os bravos homens de cõr declararam-se livres do vaioso jugo de malvados annos, o velho tinha-se fechado com sua familia em sua casa.

Ella agora estava arrependida de o ter dito. Então negro não era gente? Porque? Seriam talvez os brancos melhores que os pretos? E ella, que sem dizer palavra, soffreu naquelle momento como soffreram os virtuosos apostolos de Christo.

E agora junto ao cadaver puderam dizer: que os negros são tão gente como os brancos.

Isso comprova a preocupação tangente do jornal de trazer a questão racial para discussão e reflexão dos seus leitores. Além disso, traz, por meio de uma representação literária, um fato histórico que marcou a luta do povo negro pela garantia de seus direitos e pelo fim de sua submissão a um regime de exclusão.

O segundo aspecto, por sua vez, diz respeito à escrita formal do texto. Pelo confronto do documento analisado com orientações gramaticais e ortográficas da época, verificamos que há uma atenção em seguir as regras estabelecidas pela norma padrão portuguesa. Esse fato faz com que inúmeras construções, tanto no âmbito lexical quanto no gramatical, influenciadas pelas línguas africanas, não sejam evidenciadas na leitura do texto.

Ao contrário de estudos como o de Martins (1997), que trata da textualidade oral afro-brasileira pesquisando o registro oral, não são perceptíveis no registro escrito de nossa amostra do jornal tais influências. Isso indicia duas características: uma delas é que os produtores do jornal têm um acesso importante à norma padrão da época, conseguida, certamente, pela inserção em novos espaços da sociedade pós-abolição; uma outra é que, já nesse período, há um rigor com o registro escrito que determina qual variedade linguística será usada. Mesmo com o propósito libertário do jornal, a escrita submete-se à língua portuguesa padrão.

No que diz respeito à língua portuguesa, Hackerott (2008) afirma que na virada do século XIX para o XX, a ortografia portuguesa, ao contrário da que foi adotada nos primeiros textos dessa língua, na qual havia uma grafia razoavelmente fonética, apresentava-se bastante caótica. Diante disso, Gonçalves Viana publica, em Portugal, em 1904, a *Ortografia Nacional*, uma proposta ortográfica baseada na fonética de simplificação da ortografia. Tal proposta foi formalizada pelo governo português, em 1911. Antes, porém, segundo Coutinho (1976, p. 79), foi cogitado, entre os membros da Academia Brasileira de Letras, adotar “um sistema de grafia de objetivo



manifestamente simplificador”, em 1907. Apesar de ter sido aprovado em 1907, foi revogado em 1919, até que o problema de simplificação fosse efetivamente estudado.

Na amostra selecionada para este estudo, é possível verificar algumas particularidades da grafia da língua portuguesa na época que contrastam com a atual. Para observar esse contraste, recorreremos a Ribeiro (1911), Pereira (1957), Ali (1964); além de Cunha e Cintra (2001) e retiramos exemplos do documento.

Primeiramente, destaca-se a ortografia, em que se verificam, entre outros, as consoantes geminadas e o emprego da letra “h”, em seguida, a acentuação, a grafia e, por fim, a colocação pronominal.

Em relação às consoantes geminadas, ou seja, à duplicação de letras, Ali (1964) expõe que isso passou ocorrer para evitar a confusão entre sons semelhantes, como *caro* e *carro*. No entanto, o motivo da geminação encontrada na amostra não parte de nenhum motivo claro. Segundo ele, possivelmente, o uso de “ll” e “ff” pretendia indicar a entonação ou acento forte. Observando a *Grammatica Portugueza* de Ernesto Carneiro Ribeiro (1911, p. 23), encontramos a seguinte orientação a respeito dessa regra:

As consoantes que se podem dobrar são: *b, f, g, l, m, n, p, r, s, t*.

Só se dobrão as consoantes entre vogaes ou entre uma vogal e qualquer das consoantes l, r, ou, n: *adduzir, agglutinar, aggregar, distincção*.

O caracter *b* dobra-se em *abbade, abbadia, abbacial* [...]

Dobra-se o *d* em *addir, addição, adduzir, additar*.

O *g* dobra-se em *aggavar, aggravado, aggredir*, [...]

As outras consoantes dobrão-se nos vocábulos que começam por *oc, ef, dif, of, op, il, im, in, ir, sue, suf*, como: *ocorrer, effectuar, differir, offerecer, opposição, illuminar, immortal, innovar, irregular, succulento, suffocar*.

Como afirma Pereira (1957), a escrita dobrada de letras, comum em 1911 nesses casos, caiu em desuso na linguagem moderna, sendo posto nas *Instruções para a organização do vocabulário ortográfico da língua nacional*, de 1943, apenas a referência à escrita dobrada em “rr” e a “ss”. Essa orientação é mantida ainda hoje, conforme pode ser visto em Cunha e Cintra (2001: 51):



Grafia em <i>O Menelick</i>, 1916	Grafia atual
<i>Belleza</i>	Beleza
<i>Affecto</i>	Afeto
<i>Consummido</i>	Consumido
<i>Annos</i>	Anos
<i>approximar-se</i>	aproximar-se
<i>Gotta</i>	Gota
<i>Acceiteis</i>	Aceiteis

Para Pereira (1957: 54), “a letra *h* não é propriamente uma consoante, mas um símbolo que, em razão da etimologia e da tradição escrita do nosso idioma se conserva no princípio de várias palavras e no fim de algumas interjeições”. Entretanto, não se escreve *h* depois das letras *c*, *p*, *r* e *t*.

Grafia em <i>O Menelick</i>, 1916	Grafia atual
<i>Echoou</i>	Ecoou
<i>Trahidos</i>	Traídos
<i>Comprehendia</i>	Compreendia

Em relação à acentuação gráfica presente no documento, encontramos ausência de acentos em contraste com a regra atual.

Grafia em <i>O Menelick</i>, 1916	Grafia atual	Regras de acentuação atuais (cf. Cunha e Cintra, 2001)
<i>Há</i>	Há	Acentuam-se os monossílabos tônicos terminados em <i>a</i> , <i>e</i> e <i>o</i> .
<i>familia, sacrificios, litterarias, vestigios, ausencia</i>	família, sacrifícios, literárias, vestígios, ausência	Acentuam-se as palavras paroxítonas terminadas em ditongo.
<i>passaros, ultimo, numero, palpebras</i>	pássaros, último, número, pálpebras	Todas as proparoxítonas são acentuadas.
<i>parabens</i>	parabéns	Marca-se com acento agudo o <i>e</i> da terminação <i>em</i> ou <i>ens</i> das palavras oxítonas.

Outro aspecto verificado é a colocação dos pronomes oblíquos. Segundo Ali (1964), os enclíticos, inicialmente, eram compostos pela união do pronome à palavra que era subordinada sem separação. Com o tempo, o uso do hífen passou a ser empregado: *amal-lo*. Em nosso documento, o enclítico *lo* permanece a consoante com o verbo e a vogal separada pelo hífen:



Grafia em <i>O Menelick</i> , 1916	Grafia atual
<i>Abril-o</i>	Abri-lo
<i>Abraçal-a</i>	Abraçá-la

Essas observações referentes a aspectos gramaticais, sobretudo, indiciam que *O Menelick* insere-se em um contexto da Língua Portuguesa do início do século XX, no qual podemos verificar peculiaridades que foram transformadas com o decorrer do tempo. Isso comprova a dinamicidade da língua, que sofre influências continuamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do estudo feito neste artigo, é importante ressaltar a relevância do jornal *O Menelick* como documento e como fonte de pesquisa de uma época.

Por um lado, esse jornal, como documento historiográfico, apresenta peculiaridades linguísticas que possibilitam o estudo da língua em sua perspectiva histórica, revelando as suas transformações sofridas no decorrer dos anos e evidenciando sua relação estrita com os fatos históricos.

Por outro lado, *O Menelick* encontra-se em um contexto histórico do Brasil, recém saído de fatos determinantes em sua história, entre eles, a abolição da escravatura e a inserção do negro na sociedade. Isso faz com que encontremos, materializados na composição do jornal, os conflitos do período, a necessidade de afirmação do negro na sociedade e a urgência de agruparem-se para serem fortalecidos frente ao racismo instituído pelo período escravocrata, cujas consequências ainda hoje marginalizam a população negra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALI, Manoel Said. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 3 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1964.
- ANDREWS, George Reid. *Negros e brancos em São Paulo (1888-1988)*. Trad.: Magda Lopes. Bauru, SP: EDUSC, 1998.
- BASTIDE, Roger. A Imprensa Negra no Estado de São Paulo. In: BASTIDE, Roger. *Estudos afro-brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1983.
- CARDOSO, Fernando Henrique. *Capitalismo e escravidão no Brasil meridional: o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.
- CUNHA, Celso; e CINTRA, Lindley. *Nova gramática do Português Contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- FERRARA, Mirian Nicolau. *A Imprensa Negra Paulista (1915-1963)*. São Paulo: FFLCH/USP, 1986.
- GUIMARÃES, A.S.A. *Racismo e anti-racismo no Brasil*. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo; Ed. 34, 2005.
- HACKEROTT, Maria Mercedes Saraiva. As lições de Said Ali (1861-1953): Uma abordagem historiográfica. In: BASTOS, Neusa Barbosa; e PALMA, Dieli Vesaro (Orgs.). *História Entrelaçada 3: A construção de gramáticas e o ensino de língua portuguesa na segunda metade do século XX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da memória: O reinado do Rosário no Jatobá*. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- MOURA, Clóvis. *Sociologia do negro brasileiro*. São Paulo: Ática, 1988.
- _____. A imprensa Negra em São Paulo. In: *Imprensa negra*. Edição fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial, 2002.
- MUNANGA, K. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- NASCIMENTO, Jarbas Vargas. Fundamentos teórico-metodológicos da Historiografia Linguística. In: NASCIMENTO, Jarbas Vargas (Org.). *A Historiografia linguística: rumos possíveis*. São Paulo: Edições Pulsar: Terras do Sonhar, 2005.
- NASCIMENTO, Washington Santos. Além do medo: a construção de imagens sobre a revolução haitiana no Brasil escravista (1791-1840). *Cadernos de Ciências Humanas – Especiaria*, v. 10, n. 18, , p. 469-488 jul./dez. 2007. Disponível: http://www.uesc.br/revistas/especiarias/ed18/4_washington.pdf . Acesso: 09/05/11.
- PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática Expositiva: curso superior*. 106. ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1957.
- RIBEIRO, Ernesto Carneiro. *Grammatica Portugueza*. Bahia: Oficinas dos Dois Mundos, 1911.

Anexo

Documento: *O Menelick*, 1º de janeiro de 1916.



O MENELICK

Orgão mensal, noticioso, literário e crítico dedicado aos homens de cor

ANNO I

Redactor - Chefe: **Deocleciano Nascimento** e Redactor - Secretario: **Geraldo de Souza**

M. 3

Salve! Salve! Salve 1916!

Gentis leitoras e leitores

O «Menelick» deseja-lhes Boas Festas e que em vossos labios só hajam risos de alegria e felicidades durante o decorrer de 1916!

Salve 1. de Janeiro de 1916!

SALVE!

Leitoras

«O Menelick», depois de passar quarenta dias sem o carinhoso affecto de vossas mãos delicadas — o berço gentil de sua alma, teve saudades de vós. E voltando novamente, aninhando-se ao lado da generosidade — belleza feminina, eil-o.

Eil-o jurando que d'ora avante virá todos os primeiros Domingos de cada mez trazer-vos novidades das estrellas e espera ser recebido com os habitua-dos e graciosos sorrisos de vossos labios de rosa! Emquanto que o seu humilde redactor atria aos vossos mimosos pés mil beijos de gratidão.

Episodio da revolta da Ilha de São Domingos

Tudo é barulho! As florestas, as plantações, as casas, emfim tudo que pelo fogo devastador possa ser consumido, arde, deixan-sahir fagulhas rubras que mais depressa fazem consumi-r aquellas riquezas.

Regresso de Yesper

Dedicado, A Mathemotsele...
F. Pinheiro

SÃO PAULO

*Na tarde melancholica de um sol desfeito
Da torre, o sino a geiner, em lamento,
Tendo o coração ao dissabor affeito;
Levo uma prece em cada pensamento*

*Os passaros em bando a procurar rejeouso
Vão buscaado as palmas verdes-escuras
Porém, passou, aquelle momento saudoso
Em que meditavas: minhas aventuras!..*

*Vêz! No infinito, morre a tarde plangente!..
Vêz, a noite, que vem lenta ao declinar
Donzella...não te accode na imaginação ar-
dente,*

A allucinação delirante de amar...?

*Lembras-te o amor do humilde é amor subido
Indelevel puro, e exaltado...
Amor eternamente sincero e commovido
Que vae alem de um tumulto fechado!..*

Cimpinas, 15 de Dezembro de 1915

MARINHEIRO

Ao longe somente vê-se uma pequena casa, que com os reflexos do fogo, tinha um aspecto fantastico,

Ali morava um pobre camponio, que não tinha um só escravo para o ajudar a cultivar o seu pequeno campo.

Habitava a'li ha muitos annos em companhia da filha e sua extremosa esposa.

Quando os bravos homens de cor declararam-se livres do valioso jugo de malvados annos, o velho tinha-se fechado com sua familia em sua casa.

Agora, invocavam a Deus com ardente fervor, para que o Salvador tivesse delles piedade. O pobre homem pedia a vida de sua filha, linda, loura, mais loura que uma filha de Albion, que era menina e moça, pois estava na flor da mocidade.

E elle rogava, pedia, pedia sempre! Mas, oh horror! As suas preces nada valiam! E agora elle, quasi louco, vê approximar-se a hora da morte! Um enorme grito echoou pelas proximidades da casa! São

elles, os pretos

A minha fragu pe' ja-mais poderá descrever o pavor que tiveram. Os gritos já se ouviam perto! Agora arrombam a porta! Eil-os que entram, loucos, sem ouvir as suas lamentações.

Aquella turba, louca pelo desejo da liberdade — liberdade, esta palavra santa que todos os captivos ao ouvirem-na estremecem, desejam-na ardentemente, que sacrificam-se por ella, dando até a propria vida! Que é o tudo para elles! Que é Deus, mãe, familia, patria, tudo! Esta faz despertar em seus animos exaltados o instincto sanguinario que estava sofregado por brutos.

Agora que estão livres, agora que estão senhores de si, vingam-se das humilhações que soffreram tão cruelmente. Então matam, incendiam, arrazam tudo que no seu caminho encontram. E aquella turba lançou-se sobre aquelles infelizes e já um preto, um dos mais ardentes chefes daquella memoravel revolta, estava com um punhal agudo sobre a cabeça da moça!

Mas, oh milagre! Outro preto obsta que seu chefe consumma aquelle acto! Porque! porque elle ama. Ama com toda a sua alma aquella moça.

Então ella o reconheceu e suas faces que estavam lividas tornaram-se vermelhas como o carmin, teve vergonha, tinha-o insultado e agora ella via claramente aquella scena em que ella lhe dissera, no auge da raiva, — que negro não



era gente, então elle jurou vingar-se.

Ella agora estava arrependida de o ter dito. Então negro não era gente? Porque? Seriam talvez os brancos melhores que os pretos? E ella, que sem dizer palavra, soffreu naquelle momento como soffreram os virtuosos apóstolos de Christo.

O cefe fez-lhe lembrar da sua lei. Elle, porém, nada se incommodou, entregou-se á prisão e foi logo amarrado ao pé d'uma bella arvore, que por estar isolada das outras, teve a felicidade de escapar á sorte das outras, e ali foi executada a terrivel lei que era imposta a todos que desejavam vida de quem quer que fosse — a morte — e elle docemente morreu, morreu como um bravo, morreu por amor de uma branca, cumprindo assim d'um modo sublime o seu juramento,

E agora junto ao cadaver puderam dizer: que os negros são tão gente como os brancos.

MARCUS PRIMUS



Mãe!!

E' este o meu primeiro trabalho.

Mãe! não é o grito de extas, nem tampouco de alegria, mas sim o de dôr, com que abto o meu livro e com elle o meu coração.

Só após uma pungente dôr, e não tendo onde se reclinar a cabeça, é que sente-se a falta que faz uma mãe, a unica pessoa a quem se pode externar o sentimento do nosso coração, com sua palavra de conselho e consolação sempre prompta para nos presentear nas afflicções e contratempos da vida...

A unica pessoa em que podemos cegamente confiar sem receio de sermos trahidos, porque somos sangue de seu sangue e carne de sua carne.

Feliz! feliz daquelle que a sua possúe, porque assim pode ouvi-la e seguir-lhe os conselhos. Os conselhos de uma mãe jamais são inuteis, porque ella só deseja a nossa felicidade, embora em prejuizo da sua.

Foi com a alma transpassada pela espada da dôr e com o rosto banhado em lagrimas, que comeci a escrever este meu livro. Nunca, como agora, senti tanta necessidade de minha mãe: de boa vontade daria minha vida para abraçar-a ainda uma vez e beijar-lhe as mãos.

Na infancia, quando a vida constitue para nós só risos e folguedos, eu não comprehendia o que era mãe! não comprehendia o amor que minha mãe me devotava.

Oh! mãe carinhosa! não amei-te tanto quanto merecias ser amada!

Agora, aos desesove annos, é que comprehendo o tanto trabalho teu por mim, não sabendo até então medir os teus sacrificios. Amava-te, sim, mas o meu amor comparado ao teu, era como uma gotta de agua para um grande oceano!

Choro arrependido por não ter sabido amar-te quanto merecias... Perdoa-me.

Agora, querida mãe, que teu filho havia de dar-te a recompensa de tão sublime sacrificio, deixas o mundo, deixando-me com o coração despedaçado e compungido pela dôr atroz.

Mas estou certo que Deus ha de dar-te um bello lugar no ceu, porque tu o mereces, pela tanta caridade que praticaste, vestindo os nus, saciando os famintos, dando pousada aos peregrinos. Pede a Elle pelo filho, que jamais esquecer-te-ha. Em attenção e agradecimento pelos teus sacrificios, acceteis que no livro de de minhas dores sejas a «chave de ouro» para abri-lo e fechar.

S. Paulo, 30 de Setembro de 1915

ROQUE CARDOSO ROSA



Gloria

(Ao excelso Deolectiano)

Gloria ao talento incomparavel do illustre jornalista! Hosanas ao artista da palavra e dedicado compilador de mimosas joias litterarias! Felicitações pelo triumpho alcançado nas lides estudiosas, arrojado teclador. Gloria!

S. Paulo, 24 de Novembro de 1915

CAMARGO



Sonho

(Ao tenente Octavio dos Prazeres Rio)

Doze pancadas bateram os relógios das torres que se elevam no seio da minha formosa Paulicéa, e a viração nocturna conduzia-as simultaneamente para as paragens do infinito.

A lua de outono, formosamente infiltrava a través do espaço raios prateados que beijavam o coração do mundo.

Eu, da janella do meu quarto, contemplava estrelas tremerem no velho firmamento.

Morpheu, atrevidamente, começava a forçar minhas palpebras, até que me vi obrigado a fechar a janella, galgar o leito e dormir.

De momento, ou não sei quando achei-me no Rio de Janeiro, passeando na beira do mar.

A praia do Flamengo era aleas de rosas, murtas, lirios, cysanthemos e magnolias que perfumavam a Natureza.

Em cada flor, em cada petala, se distinguia nitidamente impresso. — Saudade — virtude santa, cofre dos perolas da Ausencia.

Mas, apesar daquella amenidade, eu era um isolado como um caçador perdido numa floresta tingida de azul pela fantasia do sonho. As almas que transitavam ali, era eu e as alvas gaivotas que recortavam os ares e iam mergulhar no seio glauco do oceano.

Derrepente, surgiste como por encanto, dizendo-me: — Queres ver umas magicas como as que Bosco deixou ver nos theatros italianos?...

E erguendo os braços como o poderoso Albaces — sacerdote de Isis, do tempo de Pompéa, e aquellas maravilhas reduziram-se a um montão, um sol cor de rosa regou-o com algumas fagulhas e, num segundo, elevou-se aos ares uma nuvem densa de fumaça commandada pelo intrépido vento.

Accordel-me nesse momento. corri á janella para deparar a fumarada, vi mas foi uma estrella que se fundira na claridade desmaiada do infinito.

S. Paulo, 10 de Novembro de 1915

D. NASCIMENTO



Adeus

(A' Snta. C. C.)

Quando as auras matutinas passarem por aqui não me encontrarão mais, porque antes do surgir da aurora, eu partirei saudosamente para o meu destino. Se encontrares pelo caminho onde passei um ramo de rosas palidas, apanha-o; é uma lembrança que eu te deixo; guarda-o bem contigo.

Se as suas petalas estiverem manchadas, não te assustes; são vestígios de minhas lagrimas.

Adeus! não julgues que te esquecerei; a tua imagem viverá commigo em terra estranha.

A meiga sombra dos teus olhares não me deixará jamais, a tua voz, ha de cantar sempre em meus ouvidos com uma harmonia triste e saudosa. Nos acordes dolentes de meu querido violão, hei de buscar consolo ás dores da paixão que sinto.

Adeus! não te esqueça de mim e ouve na supplica de quem te quer bem. — Quando passares pela casa onde morei, não a contemples, porque lá dentro o



echo soluçante de minha magua gerará tristemente a canção lamentosa de meu coração auzente!

JOÃO EVANGELISTA.



Pelos Salões

ELEIÇÕES:

Foram eleitos no «15 DE NOVEMBRO» as seguintes Directorias para regerem durante o anno presente:

Cavalheiros:

Presidente: — Ignacio dos Santos
 Vice-Presidente: — Sylvério Pereira
 Secretario: — Garivaldo Ribeiro
 2.º Secretario: — Feliciano Balbino
 Thesoureiro: — Marcos Borges
 2.º Thesoureiro: — Estacio J. Alves
 Procurador: — I. Silva
 2.º Procurador: — O Mendes d'Oliveira
 Fiscal: — Ricardo C. de Barros
 2.º Fiscal: — Luiz Barbosa
 Director: — Benedicto Rodrigues
 2.º Director: — Pedro Trajano
 Mestre-Sala: — Ignacio Sypriano
 Auxiliar da Secretaria: — Alexandre A. dos Santos

DIRECTORIA DE DAMAS

Presidente: — Alice de Moraes
 Vice-Presidente: — Barbara de Arruda
 Secretaria: — Idalina Santos
 2.ª Secretaria: — Carlina de Campos
 Fiscal: — Virginia das Dores
 2.ª Fiscal: — Sípriana Ramos
 Thesoureira: — Maria Luiza dos Santos
 2.ª Thesoureira: — Palmira de Campos
 Directora: — Deolinda Baptista
 2.ª Directora: — Benedita de Souza
 Procuradora: — Arminda de Souza
 2.ª Procuradora: — Zulmira Monteiro

Directoria do JUVENOS

Presidente: — Ignacio de Almeida
 Vice-Presidente: — Mario Dias Pacheco
 Secretario: — Lourenço Silva
 2.º Secretario: — Irineu Barbosa
 Thesoureiro: — Lazaro Silva
 2.º Thesoureiro: — Luiz de Oliveira
 Director auxiliar: — Jorge Raphael
 2.º Director auxiliar: — Claudino Oliveira
 Fiscal: — Tertuliano da Silva
 2.º Fiscal: — Alvaro Costa
 Procurador: — Benedicto Ribeiro
 2.º Procurador: — Benedicto Almeida
 Mestre-Sala: — Frederico Penteado.

Noticiario

Opinião d'« O Menelick » sobre algumas moças que elle julga merecer votos de belleza.

DISTRICTOS:

Villa buarque. As senhoritas Maria José Borges e Maria Rosa do (6)º
 — Liberdade. As senhoritas Maria Rosa e Olga da Silva.
 — Campos Elyseos. As senhoritas Brasília e Jeruzina do Amaral.
 — Barra Funda. As senhoritas Julia de Azevedo e Malvina d'Oliveira.
 — Bom Retiro. (Yáya).
 — Salões. No « S. Paulo » a senhorita Angelina Pinto.
 — « 13 » a senhorita Maria Benedicta.
 — « 15 » a senhorita Carlina de Almeida.

O MENELICK

Pedimos aos nossos assignantes, que não estão quites, satisfazer o seu pagamento, por especial favor, na redacção, caso queira receber a folha.

ENFERMO

Acha-se de cama o sr. Roberto Cardoso, irmão do sr. Dr. Arthur Cardoso.

Desejamos vel-o completamente restabelecido.

REPRESENTANTES D'« O MENELICK »

Em Campinas, o sr. Antenor Egydio.

— No Rio de Janeiro, o sr. Octaviano José dos Prazeres, residente á rua Itapim n. 213 (casa 4).

O proximo numero d'« O Menelick » será collaborado por pensamentos femininos, por isso, gentis leitoras, não p. pem esforços e enviem-nos os vossos trabalhos.

BOAS FESTAS

Sr. John Glashan, retribuimos com este as suas Boas Festas, desejando o mesmo que deseje a'« O Menelick ».

Na Berlinda

Marcos do «15» porque é sympathico.

O. Férmez porque é Intelligente.

A. A. da Costa porque é Pedante.

R. Cardoso porque é Conquistador.

A. M. Cruz porque é Sincero.

A. Monteiro porque é Apaixonado.

B. Madureira porque é Serio.

D. Nascimento porque é Estudioso.

Chocolate porque é Atraente.

B. P. Souza porque é Smart.

P. de Sousa porque é Poeta.

A. Carlos porque é Fiel.

F. Ramos porque é Aguia.

A calcereira.

B. PEREIRA.



A caixa e o balão

Srs:

— A. R. Barbosa. A sua « Palavras de consolo » veio consolar o nosso balão.
 — Camargo. « Os pés quebrados » requeridos por V.

Exa. sahiram no p. numero

— J. M. Monteiro. Recebemos e agradecemos e brevemente faremos publicar os seus verso « Tardia ».

— Srta. M. Gonçalves. No proximo numero daremos á luz os seus sentimentos.

— L. A. Camargo. Por motivos de força maior não podemos publicar o « Encontro de dois matutos ».

— B. de P. Oliveira. Pouco a pouco iremos dando á luz as suas bellas composições.

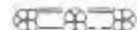
— J. P. da Rocha. Os seus « Versos de um triste » vão ser analysados.

— D. Alice. No proximo numero sem falta.

— Jorge. Perdão, não houve espaço, mas faremos dar no terceiro numero, sim?

— M. dos Santos. Seus versos estão se analysando.

— D. Janintha Pereira. O seu thema está formosissimo, elle ornamentará o nosso proximo numero.



Vida Social

FIZERAM ANNOS:

— No dia 7, D. Claudina Ramos, mãe do sr. Bentinho Saudade da Lapa, o qual offereceu aos seus amigos um baile para commemorar tal acto. As 2 horas da manhã, debaixo de muito boa harmonia usou da palavra os Snrs. Frederico B. Gomes, David Soares, Jorge de Lima, Benedicto Luciano, João de Deus e por ultimo o redactor desta folha, que foi gentilmente recebido por uma ovação de palmas.

— No dia 8, a snta. Maria da Conceição Ferreira e o Sr. Belizario Antonio Alves o qual completou 79 annos. Nossos parabens.

— No dia 11, as stas. Anna Rosa Ferreira, e Maria Gonçalves, a qual



Expediente

Assignatura, 1\$500 por 6 mezes
O pagamento adelantado

Correspondencias. — As correspondencias d'«O Menelick» devem ser enviadas a Deocleciano Nascimento, Rua da Graça, 203.

Collaboração. — Aceita-se collaboração, mas não se responsabilisa pela idéa emitida pelo collaborador

Não se devolve os originaes, mesmo não publicados

O «Menelick» declara publicamente que toda e qualquer collaboração que cahir na sua caixa e elle descobrir que ella foi roubada de algum livro, revista ou cousa que o valha, nem que seja o rei que assigne, vae pr'o baliao e o nome do collaborador falso é criticado por quanto tempo for lembrado.

«O Menelick» julga nullo todo e qualquer documento que for passado em seu nome sem a sua respectiva firma

offereceu um soirée ás pessoas de sua intimidade. A festa foi brilhantissima e terminou ás 6 horas da manhã. Entre as pessoas que lá compareceram pudemos distinguir as seguintes: D. Maria do Carmo, Zulmira S. Castro, Carlinda de Almeida, Nicacia S. Castro, Elviria de Oliveira, Sebastiana do Carmo, Benedicto P. Souza, Jayme de Mello, Arístides Costa, Mario N. do Espirito Santo e José Luiz Sampaio, representante desta folha.

— No dia 12, D. Justina de Campos

— No dia 18, o snr. Manuel Elizios dos Santos, e no dia 14 sua filha Judith.

— No dia 24, D. Julieta de Almeida.

— No dia 25, D. Margarida Prado.

— No dia 28, a sta. Maria da Conceição.

— No dia 30, o menino Clauvis, filho do snr. Arthur Correa.

— Hoje o snr. Alvelino Justino Paiva, representante desta folha pelo districto de Villa Buarque, e o seu afilhado Messias Ferreira.

— A' 4. a sta. Estella da Silva.

NASCIMENTO

O lar do snr. Sebastião Rodrigues e d. Maria da Conceição Rodrigues, acha-se enriquecido com o nascimento de um galante bebésinho que trouxe o nome de Alaercio. Parabens.

CASAMENTOS

Realizou-se no dia 8 de dezembro, o do snr. Christiano de Paula, com a sta. Ezidora da Silva, cunhada do snr. Eloyde Souza, assiduo leitor do Menelick.

Saudou esse acto o redactor desta folha.

— No dia 25, o do snr. Manuel Rodrigues Silva, com a sta. Lucia Albina dos Santos, filha de D. Angela Albina dos Santos. Um reporter do Menelick ponde apanhar em ligeiros traços as seguintes pessoas: José das Neves, José Miranda, José da Silva, Pedro Martins, Fernandes Magalhães, Deocleciano Nascimento, redactor desta folha e outros.

Por esse acto solemne o Menelick apresenta os seus sinceros parabens.

Necrologia

PASSAMENTO

Desencarnou-se nesta cidade em 16 de Dezembro p. p. a interessante menina Conceição, saudosa filhinha

do Snr. Mario Nogueira do Espirito Santo e sobrinha do Snr. Reginaldo Maximo Gonçalves D. D. Presidente desta folha. O enterro que foi feito no cemiterio da 4.ª Parada teve lugar em 17 do passado as 4 1/2 da tarde tendo sido o féretro conduzido por uma multidão de senhoritas de amizade dos conjuges desventurados, dentre as quaes numa ligeira reportagem conseguimos tomar os nomes das seguintes: Maria Benedicta, Iracema da Silva, Maria dos Santos, Julieta N. do Espirito Santo, Isolina de Oliveira, Maria da Conceição, Maria Barbosa, Anazia Guimarães, Barbina de Campos, Amelia Lopes, Assumpta Mingalli, Elydia da da Conceição, Antonia da Silva, Benedicta da Conceição e Maria da Penha Garcez. Apóz ter baixado o feretrozinho ao sepulcro, fora este coberto por uma immensidade de cordões que até alli foram conduzidas por meninas e meninas collegias. Enquanto, provavelmente, dexiam do Céu os anjos para conduzirem a irmazinha para o Além, o nosso collaborador B. O. Paula em doce concentração escreveu esta poesia dedicada á desencarnada que passamos a publicar:

Gentil gentil criança, tão cedo partiste?!

Emfim te libertaste d'um soffrer profundo...
Em paragem do Além... almé bem longe existe,
No silencio eterno, d'um viver jocundo,
Onde o morto vive e reina a harmonia...
Onde o espirito vê o que cá não via,
Da Paz o goso ou do perfume a essencia
Que cá não gosarias em toda existencia!
Deixae deixae criança felizarda,
O mundo das torturas... buscar outra morada,
Onde o espirito vê o que cá não sonha...
A morte não existe e a vida é mais risonha.
A tua mãe será consolada um dia,
Como outrora consolada foi Maria...
A virgem Santa — a mãe do Redemptor!
E levada pelo impulso do eterno amor,
Ella irá visitar-te em dias de finado,
Em doce recordação d'um sonho consumado
E no momento mais restricto de sua vida,
Ella, hade, bendizer a tua ida.
Deixae deixae criança felizarda,
O mundo das torturas; buscae outra morada,
Onde o espirito vê, o que cá não sonha
A morte não existe e a vida é mais risonha!
S. Paulo, 17-12-1915. B. O. Paula.

No dia 14 de dezembro falleceu a senhora Edwirge da Silva, mãe da senhorita Olga da Silva, gentil leitora d'«O Menelick».
Os nossos pesames.

Concurso de Belleza

Abrimos com o presente numero um concurso de belleza feminina, cujo concurso será em duas tiragens distribuidas nas seguintes fórmas: na primeira tiragem, a partir da proxima vindora, daremos uma demonstração geral de todas aquellas que mereceram votos e, na segunda, o resultado final do concurso.

Aquella que bater o «record» ornamentará com seu retrato a primeira pagina do nosso jornal, caso consinta que nós assim procedemos.

N. B.— O concurso é, bem entendido, entre a «classe» e os votos devem ser dados pelos homens que fortem assignantes, enchendo para esse fim o coupon seguinte:

CARO LEITOR

Qual é a moça mais bella no seu paiz?

É

Rua

Assignante